



# Gerais

## "Ó, vou contar para o seu pai quando ele chegar, hein!"

Tiago Carlos Zortéa

Alguém aí já ouviu esta frase? É típica de algumas mães. Poucas talvez, algum dia não disseram isso! E esta frase evidencia a dificuldade da mãe em lidar com algum comportamento inadequado do filho. É natural que sentenças como essas sejam proferidas em meio à variação comportamental da mãe, quando suas tentativas de cessar as atitudes inadequadas da criança não produzem o efeito desejado, isto é, não são negativamente reforçadas. As coisas começam a complicar quando esta frase se repete. E se ela se repete é porque, em geral, a criança cessou a emissão de seus comportamentos inadequados ao ouvi-la. Quero listar algumas *possíveis*<sup>1</sup> consequências que podem decorrer do uso de frases como esta.

1. **Autoridade/credibilidade materna.** Ao dizer isso, a mãe transfere sua responsabilidade de educar para o pai e está, por outras vias, evidenciando sua inabilidade em lidar com as travessuras de seu filho. Está dizendo a ele que somente o pai possui essas habilidades, e que, em certa medida, a criança deve respeitar somente o pai. Uma das mensagens embutidas no uso desta frase é: "A única pessoa que possui autoridade aqui é seu pai, e não eu. É nele que você deve confiar e temer, pois ele sabe resolver as questões difíceis de lidar. Não deposite em mim a confiança para resolver problemas difíceis, pois eu sempre fugirei da responsabilidade". É possível que a criança perca a credibilidade na mãe e passe a desobedecê-la com uma frequência mais alta.
2. **Medo do pai.** Quando a mãe diz ao filho que vai dizer ao pai o que ele está fazendo de errado, ela também está dizendo que o pai deve ser alguém a quem o filho deve temer. Fazendo isso, a mãe contribuirá para que a relação entre pai e filho seja pautada no medo, e não no amor. Se o modo como o pai se relaciona com a criança, de um modo geral, for coercitivo, as coisas podem piorar ainda mais, pois a frase usada pela mãe terá um poder muito maior sobre o comportamento da criança. Esta contingência sinaliza um aversivo que supostamente está por vir, situação ideal para a elicição de respondentes de ansiedade e medo. Ansiedade é um tipo

de sentimento que está presente numa situação em que sinais "pré-aversivos" são emitidos no ambiente do sujeito, evocando comportamentos com função de esquiva (evitação) daquilo que não existe de fato, mas que pode vir a ocorrer. Assim, quando o pai (que não está presente) é citado principalmente nos momentos em que a criança se comporta inadequadamente, faz-se um processo de estabelecimentos de relações de sentido "fazer o errado – pai – punição – medo – vigilância".

3. **Criança ansiosa.** Esta questão está totalmente relacionada à anterior (medo do pai). Quando o filho mora numa família em que as relações são pautadas pelo medo, está estabelecida então uma condição apropriada para o desenvolvimento de uma pessoa ansiosa, "esquivadora". Crianças com esse tipo de repertório comportamental podem desenvolver o que chamamos por "generalização de estímulos" e emitir comportamentos de evitação em outros ambientes. Isto significa uma criança que apresenta medo de arriscar, que evita situações que demandam dela comportamentos mais "ousados". Tomar decisões no futuro *pode* ser uma tarefa difícil, principalmente se envolver relações interpessoais.
4. **Visão de homem e mulher.** Em certa medida, é *possível* que o uso desta frase pela mãe possa contribuir para a construção de uma visão futura sobre homens e mulheres. *É importante ressaltar que apesar de termos falado de pais e mães, o uso desta frase-chave pode ser feito por qualquer um dos pais. Há famílias em que a mãe possui uma postura mais ativa, e quem se exime da responsabilidade de lidar com as respostas inadequadas da criança é o pai.* De todo modo, independente de qual responsável use esta frase, uma mensagem sobre homens e mulheres pode estar sendo transmitida. Se a mãe diz "Ó, vou contar para o seu pai quando ele chegar, hein!" e transfere sua responsabilidade, baseado no ponto 1 deste texto, ela está ensinando ao filho que os homens conseguem resolver a questão. Que as mulheres não são capazes de lidar com situações difíceis de serem resolvidas e que, portanto, não de-

<sup>1</sup> Nada de pré-determinismos, ok?

vem receber credibilidade e confiança na hora de lidar com um problema. Isso *pode* até se desdobrar para relacionamentos futuros. O mesmo acontecerá com a visão de homem. Somente os homens dão conta de resolver problemas; homens são responsáveis; homens devem estabelecer suas relações com base no medo.

Torna-se importante mencionar que essas anotações são *possibilidades*. No entanto, creio que sejam suficientemente importantes para analisarmos o que falamos com os nossos filhos. Mas então, o que dizer para eles em lugar da frase analisada? Quando uma criança emite um comportamento inadequado, é importante corrigir com firmeza (e não violência!) o comportamento da criança (e não a pessoa da criança). É preciso explicá-la *em sua linguagem* que o que ela fez não é aceitável e que não deverá acontecer de novo. Se a criança desobedece e emite variações comportamentais de agressão isto evidencia que há outras questões a serem trabalhadas na relação pais-crianças. Essa relação é bastante complexa e conversaremos sobre seus constituintes ao longo das diversas postagens.

#### Como citar este texto:

APA (6th Edition):

Zortea, T. C. (2013, Janeiro 22). *Ó, vou contar para o seu pai quando ele chegar, hein!* [Web log message] Recuperado de:  
<http://comportamentoesociedade.com>.

ABNT:

ZORTEA, T. C. *Ó, vou contar para o seu pai quando ele chegar, hein!*. Vitória, 2013. Disponível em: <<http://comportamentoesociedade.com>>. Acesso em: 22 Jan. 2013.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Substitua esta data pela data que realizou o acesso.